

Sobre essências apriorísticas e objetualidades intuídas na fenomenologia realista de Adolf Reinach

Resenha de: Reinach, A. (2020) *O que é fenomenologia? Uma abordagem platônica*. Trad. Luis Henrique Toniolo Serediuk Silva. São Paulo: A Outra Via. 61p.

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens

kahlmeyermertens@gmail.com

(Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná, Brasil)

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v29i1p101-104>

Ao falarmos de fenomenologia nomes se presentificam. Husserl, Heidegger e Sartre são só alguns, e talvez os primeiros a ocorrer. No entanto, a fenomenologia, e o movimento em sua orla, envolveu, desde a primeira década dos 1900, um conjunto de articulistas responsáveis pelo desenvolvimento, consolidação e divulgação desse modo de pensar. No Brasil, sobre os fenomenólogos de primeira hora, é identificado um trabalho com Edith Stein e crescentes pesquisas sobre Max Scheler. No entanto, este cenário algo restrito alargou-se com o aparecimento de “O que é fenomenologia?”, de Adolf Reinach (1883-1917).

Se esse nome é familiar apenas nos círculos mais especializados dos estudos de fenomenologia, que ora seja apresentado a público mais amplo como pertencente a um dos principais atores da fenomenologia em seus inícios. Com uma formação eclética, atuando em campo filosófico, embora doutor em direito penal e com franco interesse pelas matemáticas (por influência husserliana?), Reinach tem o crédito de ter colaborado ativamente com o desenvolvimento da fenomenologia. Homem forte de Husserl em Göttingen, como a apresentação da edição brasileira patenteia, ninguém ia a Husserl a não ser por Reinach. É verdade que essa importância e influência se explique mais pela casualidade de este ser sociável na lida com os que acorriam àquele centro de estudos, já que, segundo consta, Husserl não era exatamente destro no trato com os estudantes. No entanto, mais do que mediador do contato com o anfitrião daquele círculo, Reinach pretendia que seu trabalho com a fenomenologia promovesse, muito mais, o acesso aos fenômenos.

A indicação biográfica e a reconstrução de circunstâncias da atuação de Reinach não deve ser delongada aqui, uma vez que o texto de abertura assinado pelo Editor brasileiro, nos oferece notícia satisfatória circunstanciada em boas fontes, entre as quais está o autorizado livro de Spiegelberg (1971): *The Phenomenological Movement*.

O texto de *O que é fenomenologia?* constitui-se de uma conferência proferida em 1914. Esta data não é sem sua importância, este é período de recepção de *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica* (1913), obra na qual Husserl, acreditando ter chegado à formulação mais bem elaborada de sua fenomenologia, ensinando inclusive diretrizes para chegar a conhecer os fenômenos em sua idealidade, acaba por formular uma fenomenologia transcendental. Esta, no entanto, foi recepcionada por parcela considerável dos seguidores da fenomenologia como uma guinada ao idealismo, o que contradiria, em certa medida, o que o próprio Husserl (1928) conquistara anos antes com suas *Investigações lógicas* (1900). Reinach, apesar de sua proximidade a Husserl, será um dos a contestar essa posição, sustentando como contra-tese o que ficou conhecido como uma “fenomenologia realista”, o que, para este filósofo, se realizar por um retorno a pensador como Platão (um “*zurück zu Plato*”, em vez de a Kant, como propugnavam seus contemporâneos neokantianos). Dito isso, é possível informar o leitor de que a conferência é peça que documenta o assim chamado “realismo fenomenológico”, justamente o partido realista naquilo que Scheler (1976) chamou de *querela entre o idealismo-realismo*.

Dividida em duas seções, equivalentes a capítulos no livro, mais do que dissertar doutamente sobre fenomenologia, Reinach propõe-se a um exercício de pensamento fenomenológico. Nesse caso, num exemplo daquilo que constitui mais propriamente à “atitude fenomenológica”; sustenta que a fenomenologia tem a ver com uma determinada maneira de “ver” os fenômenos, que se trata de um aprendizado do ver (p. 17). É assim que se pode afirmar, com autoridade, que: “Falar sobre fenomenologia é o que há de mais ocioso no mundo se falta o que pode dar a toda conversa a concreta completude e evidência: a visada fenomenológica e a atitude fenomenológica” (p.15).

Parte considerável dessa primeira seção [I.] é indicação - em compasso com a filosofia husserliana das *Investigações lógicas* - do quanto o psicologismo vigente em certas epistemologias embota o ver das ciências e sua elaboração enquanto saber apodítico. Após, analisa o quanto certas condutas idealistas, que sustentariam que o fenômeno seria apenas vivência num campo transcendental, precisariam desconsiderar inteiramente a evidência de que as coisas se apresentam em sua faturalidade indelével.

Na segunda metade dessa primeira seção, Reinach lança-se propriamente ao problema existente entre *essências apriorísticas e objetualidades intuídas*. Para

realizar o que chama de abordagem dos problemas concretos, toma exemplos dos números, indicando haver a seu respeito uma confusão fundamental cometida pelas filosofias da matemática ao tomar os signos que expressam os números como sua própria determinação numérica essencial. O movimento de exposição que decorre daqui é árido, por vezes lembrando as demonstrações lógicas do pensamento medieval (à maneira de Duns Escoto e de Tomás de Erfurt). Apesar de indiscutivelmente séria e sutil, pode-se imaginar a dificuldade do público que assiste a palestra de Reinach em acompanhar, de oitiva, os passos de exposição referentes a este fim de capítulo.

Na segunda seção [II.] de *O que é fenomenologia? Uma abordagem platônica*, vemos seu autor retomando posições de base da fenomenologia de Husserl, e que se ressalte que as referências aqui são todas às *Investigações lógicas*, texto anterior a elaboração do idealismo fenomenológico husserliano do qual Reinach não é signatário. Dessa matéria haurida das primeiras tópicas de Husserl, Reinach chama atenção para o cuidado que a fenomenologia sempre teve com a terminologia filosófica evitando que termos como “expressão”, “palavra” e “significação” pudessem ser erroneamente tomadas como sinônimos o que, no registro rigoroso dessa filosofia descritiva, poderia resultar em “equivocos quase inacreditáveis” (p. 42).

Nesse mesmo tópico, encontramos ainda uma indicação elucidativa quanto à fenomenologia e seu propósito. É o que temos quando Reinach diz:

Já insinuei que a análise das essências não é um fim último, mas um meio. Sobre as essências valem leis, e essas leis são incomparáveis com todos os fatos e todas as conexões entre os fatos de que nos dá notícia a percepção sensível. Elas valem sobre as essências enquanto tais, em virtude de sua essência - nelas não temos um contingente “ser-assim”, senão um necessário “deve-ser-assim” e um “por essência”, não pode ser diferente (p. 43).

A passagem, digna de nota mesmo numa recensão informativa da edição como a presente, ressalta o quanto a uma fenomenologia, cujo fulcro está voltado ao conhecimento apodítico, precisa ter olhos de ver às formas essenciais do conhecido, estas apenas intuídas mediante a depuração das vivências em geral em vivências puras. Ressalta também o quanto o isolamento do sentido do fenômeno em sua idealidade não é algo que possua um fim em si mesmo, já que, tomar idealidades é, como visto na citação, ter a intuição do ideal, inclusive no que isso permite a formulação de leis necessárias que nos garantam um conhecimento evidente.

Não resta dúvida de que Reinach está atavicamente comprometido com um tal projeto, e do quanto ele sabe que a fenomenologia, por meio dos seus procedimentos, ainda é capaz de apontar para possibilidades inauditas do conhecimento. É o que temos no seguinte trecho da conferência:

O primeiro esforço da fenomenologia tem sido comprovar as relações de essência nos quais diversos domínios, na psicologia e estética, na ética e na jurídica; em

toda a parte se abrem a nós novos territórios. Mas se passamos por cima dos novos problemas, também aquilo que nos transmite a história da filosofia recebe uma nova iluminação sob o ponto de vista da consideração das essências, sobretudo o problema do conhecimento (p.57).

Fazendo valer a ideia do quanto Platão teria a agregar ao saber pretendido pela fenomenologia, *rappports* a diálogos como Mênon e Fedro, além de a platônicos como Agostinho, estão nessas páginas finais referindo-se a intuições essenciais da fenomenologia. Reinach termina sua conferência sustentando posição comum a de Husserl, também compreendendo que o trabalho fenomenológico implica o incessante labor de elucidação dos campos essenciais, serviços que se confundem com o idear das filosofias e que não chega se cumprir por um indivíduo, uma geração apenas, mas que é obra de um coletivo denominado *comunidade científica* em suas múltiplas e sucessivas configurações e esforços.

Do ponto de vista editorial, observa-se que a tradução ao português do Brasil de *O que é fenomenologia? Uma abordagem platônica* se alinha (ou pelo menos coincide) a escolhas de tradução de termos técnicos de outros textos de Reinach, editados em língua espanhola, pela Encuentro. Em sua materialidade, a brochura é bem diagramada, com arte da capa sóbria e trazendo, além do já mencionado aparato de apresentação, um índice onomástico. Ter publicado Adolf Reinach é, indiscutivelmente, um mérito de A Outra Via, editora da qual se espera bom ânimo para estampar outros títulos do mesmo filósofo.

Referências

Husserl, E. (1928) *Logische Untersuchungen*. Halle: Max Niemeyer.

Husserl, E. (2002) *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und Phänomenologischen Philosophie*. Berlin: De Gruyter.

Reinach, A. (2020) *O que é fenomenologia? Uma abordagem platônica*. Trad. Luis Henrique Toniolo Serediuk Silva. São Paulo: A Outra Via.

Scheler, M. (1976) Idealismus-Realismus. In: *Gesammelten Werken - Späte Schriften*. Band. IX. Bern/München: Francke, p. 183-242.

Spiegelberg, H. (1971) *The Phenomenological Movement: A Historical Introduction*. Springer: Haia.

Recebido em: 30.11.2023

Aceito em: 28.02.2024

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

